

# Águas de Alfama

## dois milénios de fruição

Zona de fontes de água quente, Alfama oculta hoje uma imensa e subaproveitada riqueza. Basta percorrer as suas artérias e largos para constatar o abandono dos chafarizes. Mas, afinal, por onde param os vários milhares de litros de água que brotam das várias nascentes? Como foram geridas ao longo de cerca de dois mil anos?



- 1 - Chafariz de El-Rei
- 2 - Banhos J. A. Baptista
- 3 - Tanque de Alfama ou das Alcaçarias
- 4 - Alcaçarias de D. Clara
- 5 - Alcaçarias do Duque Sulfurosa
- 6 - Alcaçarias do Duque Alcalina
- 7 - Banhos do Dr. Fernando
- 8 - Chafariz de Dentro (dos Cavalos)
- 9 - Bica do Jardim do Tabaco
- 10 - Nascente nos lodos do Tejo (CNN)
- 11 - Nascente Fria
- 12 - Bica do Sapato
- 13 - Banhos do Mosteiro de Alcobaça
- 14 - Chafariz dos Paus (Aguada)
- 15 - Fonte de Penabuquel
- 16 - Chafariz da Praia (Chafariz Novo)
- 17 - Tanque das Lavadeiras
- 18 - Praça do Peixe-Local de construção da Estação Elevatória da Praia
- 19 - Depósito da Verónica - Local de construção
- 20 - Sítio de Alfingera (Convento do Salvador)
- 21 - Local da nascente no G. S. Adiçense

Figura 1: Carta Topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque: 1956-1958.

A construção da Estação Elevatória da Praia constitui a derradeira iniciativa de aproveitamento das águas residuais de Alfama. Entrou em serviço em 1869 e bombeava as águas para o depósito da Verónica, na freguesia de S. Vicente (Fig. 1 - 18 e 19). Tinha por função essencial reforçar o abastecimento de água ao domicílio da zona oriental da cidade. Um ano antes - 1868 - todas as águas públicas de Alfama passavam para a administração da segunda Companhia das Águas de Lisboa (CAL), constituída para o efeito. O funcionamento regular do grupo do Recinto da Praia limita-se apenas a onze anos, já que em 1880 entrou em actividade a Estação Ele-

vatória dos Barbadinhos fundada pela mesma companhia. Foi assim, quase efémero o aproveitamento de uma riqueza hoje oculta em Alfama. Basta percorrer as suas artérias e largos para se constatar a secura e abandono dos chafarizes, os que ainda sobrevivem, já que muitos foram desmontados.

Mas afinal por onde param os vários milhares de litros de água por dia que brotam das várias nascentes? Que características medicinais apresentam? Como foram geridas ao longo de cerca de dois mil anos?

A colina do castelo reúne um conjunto de predicados que facultaram o desenvolvimento de um importante povoado a partir do pri-

meiro milénio a.C. Destes, destaque para a abundância de águas cristalinas, entre as quais, algumas nascentes de águas termais. Daí deriva naturalmente o nome do bairro - Alfama - palavra de origem árabe para designar termas, fonte de água quente.

No início da nossa era, os romanos são os primeiros a instalar núcleos de lazer junto à praia e a aproveitar as suas águas. Esta zona oriental da cidade vai constituir-se no arrabalde de Alfama, a partir do séc. VIII, e este só será integrado no perímetro urbano de Lisboa com a construção da Cerca Nova ou Fernandina, entre 1373-1375. Famílias da aristocracia muçulmana instalam-se no ar-

rabalde e exploram os núcleos termais.

Outro dado que marca o bairro é a existência de uma pequena ribeira correndo de NO para SE e que, no período muçulmano, liga dois pólos importantes – o bosque (!) de Alfungera (Fig. 1 – 20) e a zona termal da praia e núcleo piscatório, onde se viria a constituir o Largo do Chafariz de Dentro. A memória da ribeira está "marcada" pela Rua da Regueira, principal elemento de fronteira entre as duas freguesias que constituem o bairro – S. Miguel e Santo Estevão. O termo *alfungera* é por si só significativo já que, a partir do árabe, designa lugar por onde escapa a água.

A primeira referência documental ao Chafariz de Dentro surge em 1280 ou 85, designado por Chafariz dos Cavalos (Fig. 1 – 8). Para além de abastecimento da população, o chafariz servia também de bebedouro de animais. O Chafariz de El-Rei teve uma função mais vocacionada para o abastecimento da população da cidade. Devido ao seu número de bicas e afluência de população houve a necessidade de regularizar o abastecimento de água, através de postura camarária, em 1604. Começou por ser conhecido por Chafariz de S. João, mas no tempo de D. Dinis este é transferido para o exterior da Cerca Moura, através de uma galeria com cerca de 40 metros (Fig. 1 – 1).

O Chafariz dos Cavalos sofreu igualmente mudança de designação ao ficar na parte de dentro da Cerca Fernandina, após a construção do Chafariz Novo ou da Praia (Fig. 1 – 16), no início do século XVII. Junto à face externa da cerca, no mesmo largo, é construído o Chafariz dos Paus destinado à Aguada (Fig. 1 – 14).

Um pouco mais a NE ficava a Fonte de Penabuquel (Fig. 1 – 15), referenciada documentalmente a partir de 1326, junto ao arco com o mesmo nome e aberto no séc. XVII para passagem das lavadeiras. Outro tanque, ainda documentado em 1856, fica junto às Terceiras de Alfama (Fig. 1 – 17) e a própria Bica do Sapato é já um simples tanque de lavadeiras na década de 30 do séc. XX (Fig. 1 – 12).

O Tanque das Lavadeiras ou das Alcaçarias destaca-se, no entanto, entre os restantes, com diversos usos ao longo dos séculos, o último dos quais como fornecimento de água à Estação Elevatória da Praia (Fig. 1 – 3). As águas

das Alcaçarias foram essencialmente aproveitadas para a lavagem das lãs e o curtimento de couros, até finais do séc. XVII. Os tanques de curtimento ficariam no Beco dos Curtumes. As lãs, após a lavagem, eram postas a secar na praia fronteira, sítio conhecido por Campo da Lã (actual Largo do Terreiro do Trigo).

As primeiras referências a banhos surgem no séc. XIV, uns, particulares, de um João Roal, na freguesia de Santo Estevão, e outros, administrados pelo Mosteiro de Alcobaca, (Fig. 1 – 13). A. Vieira da Silva, na sua obra *A Cerca Fernandina de Lisboa*, refere, em 1949, que os proprietários, na altura, do prédio que pertenceu ao mosteiro até 1834, ainda aproveitavam a água medicinal da nascente, extraída com uma bomba.

Em 1640 instalam-se novas alcaçarias em Alfama por iniciativa de um mercador veneziano no sítio da "casa da água da muralha", ou seja, no interior de uma torre a nascente do Postigo de Alfama. O edifício contíguo à torre foi ampliado e melhorado pelo 1.º Duque de Cadaval, em 1716, passando a chamar-se Alcaçarias do Duque, porventura o aproveitamento termal mais importante das águas de Alfama.

O engenheiro de minas Carlos Freire de Andrade foi encarregado pela administração da Casa de Cadaval de apresentar um "anteprojecto de modificação da captagem das nascentes de água medicinal das Alcaçarias do Duque", divulgado numa separata do Boletim de Minas de 1935. Aí destaca as nascentes mais importantes de águas termais a contar de SO para NE: Chafariz de El-Rei, Banhos de J. A. Baptista, Banhos de D. Clara, Tanque das Alcaçarias, Alcaçarias do Duque, Banhos do Doutor, Bica do Jardim do Tabaco, Largo da Fundação (Museu Militar) e Bica do Sapato (Fig. 1).

As nascentes brotam aproximadamente em linha recta desde a Fonte da Telha, zona ribeirinha de Alfama, até ao Mouchão da Póvoa, tudo sugerindo resultar de uma série de fracturas, em consequência da tectónica da região de Lisboa. Carlos Freire de Andrade propõe dois alinhamentos nas direcções tectónicas (Fig. 1) aqui apresentados numa carta de meados do séc. XIX.

Ao nível da composição química, as águas

apresentam geralmente como principais elementos, o cloreto de sódio, o carbonato de cálcio e o sulfato de cálcio. As que apresentam a temperatura mais elevada são as das Alcaçarias do Duque, rondando os 30°C registados no poço da Alcalina. O caudal total das nascentes deste poço foi calculado em 158 500 litros por dia, podendo-se, só com este dado, imaginar a quantidade de água actualmente desperdiçada e perdida sob a zona baixa de Alfama, não contando com as nascentes de vertente.

O duque de Cadaval deve ter dado notícia ao rei D. João V da qualidade das suas águas já que o médico do soberano publicou um estudo sobre as águas termais em 1726 na obra *Aquilégio Medicinal*, dizendo a certa altura "...que são as águas das Alcáçovas de muita utilidade nas intemperanças quentes das entranhas, na debilidade do estômago, na queixa dos nervos, nos reumatismos, nas doenças de mulheres, nos achaques a que se chama o fígado e dos intestinos e ainda nas pústulas, impingens e várias queixas de pele" (passagem citada no Boletim "Boa União" de Dezembro/63).

As águas das Alcaçarias voltam à ribalta nos anos 60, quando a Fonte das Ratas regista filias intermináveis de cidadãos com garrações, vindos até de fora de Lisboa, para usufruírem das suas qualidades terapêuticas. Mas a Direcção Geral de Saúde mandou encerrar a fonte em Dezembro de 1963 alegando que a mesma estava inquinada e no aviso oficial dizia "fica interdita, até que seja possível eliminar os perigos que, no actual momento, ela pode oferecer para a saúde dos seus utentes". Passados 40 anos ainda não foi viável eliminar os tais perigos de inquinação e proceder à revitalização de um bem cada vez mais vital no século XXI!

Resta-nos, para matar saudades do murmúrio da água, passar pelo Grupo Sportivo Adicense, ali à Norberto de Araújo, (Fig.1 – 21) onde uma nascente de vertente brota há várias décadas, primeiro utilizada para refrescar bebidas (não havia ainda frigoríficos), agora dando vida a peixes num aquário.

CLEMENTINO AMARO,  
Técnico Superior do IPPAR.